

A condição Militar Alemã e o valor do soldado alemão

O CORONEL DO ESTADO MAIOR SUIÇO
Dr. DÄNIKER, em artigo publicado na imprensa
suiça, fez uma apreciação dos diversos fatores, de
que resultaram os êxitos militares alemães em 1939
e 1940.

1. — O PROBLEMA ESTRATÉGICO

Depois do Alto Comando do exército alemão se ter con-
cido de que poderia obrigar o adversário a uma guerra
e movimento, coube-lhe a resolução de **problemas estraté-
gicos inteiramente diferentes** do que os que se apresenta-
m aos comandos francês e inglês. Era possível pensar
em operações de guerra semelhantes às de Napoleão, Moltke
Schlieffen, sem contudo querer imitá-los, porque atual-
mente são outras as condições táticas, sobretudo em vista
do extraordinário desenvolvimento dos recursos técnicos.
Seria inadmissível querer adotar processos estratégicos do
passado. Entretanto, não acontecia o mesmo quanto a certas
gras inabaláveis da estratégia de todos os tempos, cuja
aplicação racional conduziu à vitória os grandes chefes mi-
tares da História. Não só havia, pois, oportunidade para
idealização de novos planos, como as condições do mo-
mento estavam mesmo a exigir um comando verdadeiramente
genial, sem o qual não seria possível dominar a situação.

Como em 1914, apresentava-se novamente o problema
da **guerra em duas frentes**. Desta vez, porém, a diploma-
a conseguira simplificar sensivelmente o problema mi-
ar. Devido à exclusão da Rússia das fileiras inimigas, o
ampo de ação no Oriente europeu ficara reduzido a uma

extensão relativamente pequena. Além disso, os entendimentos com a Slovaquia e a Hungria permitiam que a situação geográfica resultante da criação, na primavera de 1938, do protetorado da Boêmia e da Morávia viesse favorecer o desenvolvimento da campanha nessa frente. A diplomacia e o comando militar obedeciam a uma só cabeça, — o que constituía outro traço marcante do atual comando alemão — achando-se intimamente ligados e funcionando de perfeito acordo um com o outro, do que resultava o fortalecimento de ambos. O comando alemão demonstrou, além disso, não obstante a permanente tensão de espírito, a que estava sujeita uma extraordinária capacidade de discernimento e de decisão. A Guerra Mundial havia sido considerada pelos críticos militares alemães, com referência ao próprio comando, como a “guerra das oportunidades perdidas”. Na época atual, poder-se-ia falar, pelo contrário, em uma “guerra das oportunidades bem aproveitadas”.

A questão se a guerra deveria ser decidida primeiro no Oriente ou no Ocidente que, antes da Guerra Mundial, fôra até o último momento amplamente debatida e que, depois da guerra ainda constituía assunto de discussão, pôde em 1939 ser resolvida mais facilmente. A decisão de que a Polónia teria de ser vencida em primeiro lugar era, por assim dizer, intuitiva; no que, sem dúvida, influiu grandemente o fato de que o “baluarte do ocidente”, cuja construção fôra entremetidas, extraordinariamente consolidada, oferecia uma poderosa linha de defesa contra a França. Além de haverem os fatos posteriores confirmado o acerto dessa decisão que servira de base aos planos estratégicos alemães, não parece ter havido desta vez razões para controvérsias sobre a questão do início da guerra, como acontecera antes e depois da Guerra Mundial.

Achando-se, assim, resolvida a imediata ofensiva contra a Polónia, restava a pergunta como se deveria portar o exército do ocidente. Entre a ofensiva e a defesa passiva havia muitas outras possibilidades. Conhecia-se perfeitamente na Alemanha a concepção das potências ocidentais

bre os métodos de guerra a serem postos em prática. Era de se esperar que os franceses e os ingleses não empreendessem, desde logo, um ataque sério contra o "baluarte ocidental". — A fraqueza bélica das potências ocidentais, no princípio da guerra, não constituía segredo. Dever-se-ia contar, porém, em face dos projetos franco-britânicos, com o rápido desenvolvimento da atividade armamentista do adversário, de modo a tornar o seu poderio, de dia a dia, maior.

Entretanto, verificou-se, depois, a lentidão com que, na realidade, se processava o equipamento do inimigo. Essa circunstância poderia ter aconselhado a não permanecer em atitude passiva no ocidente, mórmente em vista de existirem ainda consideráveis forças disponíveis, apesar da campanha na Polônia. Não foi, entretanto, tomada nenhuma resolução nesse sentido nem procurou-se impedir — o que sem dúvida teria sido fácil — a aproximação cuidadosa das forças francesas da linha de defesa alemã e a consequente entrada das mesmas em território do Reich. Resultou daí, nesse "front", na "guerra singular", que causou admiração, principalmente do lado contrário, dando origem aos mais desconhecidos comentários e, por vezes, também a conclusões falsas. É possível que a Alemanha alimentasse a esperança de fazer a paz com as potências ocidentais, depois da derrota na Polônia. Tal plano teria sido prejudicado, sem dúvida, por qualquer ação bélica intensa. Entretanto ainda havia outros fatores ponderosos, que decidiram a atitude passiva do exército alemão no ocidente — a qual não sofreu sensíveis modificações com a atividade das patrulhas. — Não é, porém, desses fatores que queremos nos ocupar aqui; é mais importante constatar-se que o Alto Comando alemão mostrou no "front" ocidental uma moderação, de que não seriam capazes os cérebros acanhados. Também nessa moderação houve dedo de mestre. E' um dos métodos característicos do atual comando alemão a concentração máxima de forças no local decisivo, não permitindo o desperdício de energias. Isto não se dá apenas na esfera de ação do Alto Comando, mas pode ser observado igualmente nos movimen-

tos das unidades menores. Depois de reconhecida claramente a situação, são reunidos, sem delongas, os contingentes necessários afim de se conseguir, no local escolhido, uma decisão rápida. O comando que pretender conduzir a guerra sem meias medidas, deverá ter a calma necessária para esperar. Não se trata evidentemente de uma espera passiva e conformada com o que der e vier, mas da vigilância atenta de quem aguarda, pronto para a luta, pelo momento oportuno. O comando alemão aprendera, durante os últimos anos, a esperar, em constante prontidão, pelos acontecimentos. Depois do fato consumado pode parecer que tudo era muito fácil. As regras da estratégia são, como é sabido, antes de tudo as do bom senso. Por este motivo as ações decisivas dos grandes estrategistas parecem, depois de realizadas, muito simples, muito naturais, quasi que obrigatórias. Esquece-se, todavia, que é extremamente difícil, durante o desenrolar dos acontecimentos, quando uma infinidade de detalhes insignificantes perturbam a percepção clara das cousas, achar e aplicar precisamente a solução certa, que depois parece tão simples.

Isso não acontece apenas em relação às diretrizes gerais da guerra; dá-se igualmente com os **planos e a direção das operações propriamente ditas**. Assim, a maneira de ser conduzida a **campanha da Polônia**, foi por muitos considerada como a solução obrigatória, que não poderia deixar de ocorrer a quem quer que fosse. De fato, um rápido olhar sobre o mapa poderia facilmente induzir a um julgamento dessa ordem. A Polónia limitava em três lados com território alemão ou eslovaco. O corredor polonês não passava para o observador superficial, de uma pequena falta de continuidade. O que seria mais natural do que um ataque concêntrico, partindo da linha limitrofe. Entretanto, as cousas não eram assim tão simples como pareciam. Quem estudar sobre o mapa o desenrolar de operações militares, não deve, afim de não incorrer em erro, deixar de levar em conta a escala. Para que uma manobra resulte de fato em **operação concêntrica**, é preciso que a ação bélica, em determinado ponto, se

reflita imediatamente sobre a ação em outro ponto, quer ameaçando as comunicações da retaguarda, quer forçando o inimigo ao deslocamento de forças, com influência direta sobre o desenvolvimento da luta em ambos os pontos. No início da campanha da Polônia, havia uma distância de cerca de 500 km entre o extremo da ala direita alemã, situada na Eslováquia e formada pelo grupo de exércitos do Sul e o extremo da ala esquerda, formada pelo grupo de exércitos do Norte, que operava na fronteira da Prússia Oriental. Não há dúvida que os recursos técnicos modernos, com que facilmente se conseguem vencer grandes distâncias, reduzem, de algum modo, a área da luta, permitindo que se empreguem hoje outros padrões de medida do que antigamente. Isto é certo — entretanto, para que essa “redução da área” pudesse ser tornada efetiva era preciso que houvesse liberdade de movimento. Assim, diante das defesas consideravelmente reforçadas, surgiu como primeiro problema, de cuja solução dependeria a possibilidade de ser realizada uma operação concêntrica, a questão se seria possível ou não **romper as linhas defensivas e obter liberdade de movimento**. Caso as forças polonesas tivessem podido manter as suas posições, ainda que fossem apenas em alguns pontos, a campanha não teria, desde logo, tomado a forma de operação concêntrica, com o seu desenvolvimento característico. A situação estratégica teria sido, em tal caso, inteiramente outra e teria obrigado os alemães a tomarem medidas diferentes. Em face do que se observou durante o primeiro ano de guerra, não pode haver dúvida de que o Alto Comando alemão também teria dominado facilmente a situação, mesmo se tivesse ocorrido essa hipótese. A operação, que hoje se nos afigura como manobra muito simples, não podia, entretanto ser tentada sem que houvesse certeza de que seria, novamente, possível forçar a guerra de movimento e de manter a continuidade desse movimento no campo de batalha. A convicção ou antes a crença ousada de que isso seria possível, só tinha, antes da guerra, o Alto Comando alemão, discordando de todos os temas técnicos militares do mundo.

Tendo em vista que os efeitos da operação concêntrica só poderiam se fazer sentir depois de ter sido **suficientemente reduzida a área** do campo de batalha, tornava-se necessário que os movimentos fossem executados com extrema presteza. A rápida e vigorosa avançada do 10.º exército, amparado pelo 8.º, levada a efeito em direção a Varsóvia, reduziu, desde logo, extraordinariamente o campo de batalha. Essa avançada, considerada isoladamente, consistiu numa operação de ruptura de enormes proporções, cujas consequências permitiram a batalha de envolvimento de Kutno. Sómente para essa operação pode ser empregada a expressão de "Cannas", na acepção de Schlieffen. A avançada em direção a Varsóvia havia sido necessária, primeiro, para se conseguir que os combates nesse ponto tivessem imediato reflexo sobre o desenvolvimento da ação nos demais pontos e, depois, afim de evitar, o quanto possível, que os poloneses retirassem as suas forças da Posnânia.

Sob esse mesmo ponto de vista, pode ser igualmente considerada, como operação destinada a "reduzir a área" do campo de batalha, a rápida derrota da Holanda em maio de 1940, logo no início da nova ofensiva. Efeito idêntico teve o avanço, em junho de 1940, de parte do grupo de exércitos A, através do planalto de Langres, em direção à fronteira suíça, de que resultou a divisão do enorme campo de batalha em duas partes, desenvolvendo-se na parte ocidental uma campanha de perseguição, enquanto que na área oriental foi levado a efeito o cerco do exército francês de Leste, o qual constituiu uma ação no estilo de "Cannas". O avanço das forças blindadas alemãs para a desembocadura do Somme, perto de Abbéville, que se seguiu à ruptura do prolongamento da linha Maginot, entre Maubeuge e Carignan, deve ser considerada como **ação preparatória de um movimento envolvente** e além disso como **delimitação do campo de batalha** para o Sul.

O sucesso das operações alemãs na Polônia, nas proporções observadas, só foi possível em face dos "serviços" prestados pelo adversário, do gênero dos prestados pelo con-

sul romano Terêncio Varrão a Aníbal. A maneira como foram dispostas as forças polonesas, assim como os seus planos de combate demonstram o mais absoluto desconhecimento da realidade e uma apreciação extremamente exagerada das próprias possibilidades. Teria sido admissível, de parte do exército polonês, no máximo, um ataque concêntrico contra a Prússia Oriental, enquanto se conservasse na defensiva no resto do "front", que, ademais, não deveria ser mantido ao longo da fronteira e sim mais para o interior, com aproveitamento inteligente dos acidentes geográficos. Em vez disso, o grosso do exército polonês concentrou-se em Posen, para daí avançar contra Berlim ou atacar o flanco do exército alemão que tentasse invadir, da Pomerânia, o corredor ou, então, fazer o mesmo a outro exército que, partindo de Breslau, quisesse avançar contra Varsóvia. Entretanto, tal disposição de forças nunca teria permitido uma ofensiva bem sucedida. Não admira que nenhum dos três intentos fosse coroado de êxito, sendo, pelo contrário, esse exército rapidamente envolvido pelas forças germânicas e aniquilado. Também o outro exército polonês, postado mais para o Sul, não chegou a ameaçar a região industrial da Alta Silésia ocidental. Em flagrante contraste com essa dispersão das forças polonesas, o comando alemão aplicou o seu método conhecido de concentrar todos os recursos disponíveis no local mais importante. Mesmo se o exército polonês tivesse estado em condições de empreender tentativas tão audaciosas, como pretendia, não deveria tê-lo feito, em face da necessidade de adaptar os seus próprios planos aos dos seus aliados.

Ao iniciar, a 10 de maio de 1940, a ofensiva no ocidente, o exército alemão não teve a seu favor uma situação geográfica tão favorável, como a encontrada na campanha da Polônia. O ataque teve de ser realizado em uma frente, mais ou menos, retilínea e sem que houvesse, de parte alemã, superioridade numérica sobre o conjunto das forças adversárias. O Alto Comando alemão não estava, entretanto, disposto a limitar-se, por esse motivo, a uma operação de

que pudesse resultar uma “vitória simples”, muito embora essa vitória, mesmo se se tratasse de um ataque exclusivamente de frente, não tivesse sido assim tão “simples”, considerando que atrás do adversário se encontrava o Canal de Mancha. Schlieffen, várias vezes fez notar que um ataque de frente pode resultar em vitória decisiva, se for possível compelir o adversário contra um obstáculo capaz de paralisar os seus movimentos. Entretanto, para que pudessem ser obtidas maiores vantagens era preciso que fosse realizada uma série de movimentos preparatórios, afim de ser criada uma nova situação propícia a uma batalha decisiva. Embora o ataque fosse realizado simultaneamente em toda a frente de 450 Km de extensão, ao longo das fronteiras da Holanda, Bélgica e Luxemburgo, os maiores esforços foram concentrados sobre três **centros de gravidade**, cuja importância era, por sua vez, apreciada diferentemente. Na ala direita o problema consistia em ocupar o mais rapidamente possível a Holanda, afim de reduzir, como já foi dito, o campo de operações. Nessa ação foi tentado pela primeira vez um “envolvimento pelo alto”, em grande escala, mediante o emprego de paraquedistas e tropas de aterrissagem, desembarcadas, logo no início do ataque, no centro da “Praça forte Holanda”, perto de Rotterdam, o que contribuiu grandemente para a rápida derrota do exército holandês. O segundo ataque violento foi dirigido contra a pedra angular de todo o sistema de defesa belga e resultou na queda do forte Eben Emael. Em consequência disto tornou-se possível o ataque contra o Canal Alberto, ficando igualmente exposto o flanco do exército holandês. Não havia sido sem razão que os holandeses manifestaram, tempos atrás, os mais sérios receios sobre a disposição da linha de defesa belga. A ruptura da frente em Eben Emael abalou profundamente a frente dos Ardennes, situada mais para o Sul. — O principal “centro de gravidade” de toda a operação, iniciada a 10 de maio, encontrava-se entretanto, na ala esquerda, pois a ruptura da linha de fortificações ao Sul de Namur, a consequente investida contra Sedan e o rompimento do prolonga-

mento da Linha Maginot deveriam constituir os movimentos preparatórios para o aniquilamento dos exércitos ingleses e franceses ao Norte do Aisne e do Somme. Quanto mais para o Sul fosse assestado esse golpe, tanto maiores seriam as forças inimigas incluídas no envolvimento projetado, mas também maiores seriam as dificuldades, pois a frente adversária tornava-se mais sólida quanto mais se avançava para o Sul. O Alto Comando alemão não se deixou, todavia, impressionar por essas dificuldades, procurando obter o maior êxito. O sucesso dessa operação, levada a efeito por poderosas tropas mecanizadas e motorizadas, constituiu o primeiro passo, "a primeira prestação", para a vitória decisiva nesse setor. Estava assim criada uma nova situação, que permitia delimitar o campo de operações do lado Sul, avançar até a desembocadura do Somme e, com a chegada à costa do Canal da Mancha, iniciar o cerco do adversário. As operações alemãs alcançaram êxito, não só porque foram otimamente preparadas e conduzidas, como também porque o adversário fracassou. Não se tratava, porém, aqui de uma ação desastrosa semelhante a do consul Terêncio Varrão. Gamelin viu-se obrigado a abandonar a defensiva e a jogar uma parte dos seus exércitos em uma **batalha em campo aberto**, o que intimamente lhe repugnava. "Quem abandona os seus princípios", afirmou várias vezes, "tem de ser vencido". Com respeito ao exército francês ele tinha razão. As dificuldades que surgem em toda **guerra de povos aliados**, que no caso presente não puderam ser removidas, constituíram outros tantos fatores da derrota. Influuiu ainda grandemente a extraordinária aglomeração, em área apertada, dos inúmeros refugiados, que prejudicavam o livre movimento dos exércitos belgas, ingleses e franceses.

Uma operação idêntica, tentada pelos alemães em 1918, não obteve sucesso porque o ataque, depois das primeiras importantes vantagens alcançadas na ruptura das linhas adversárias, não pôde ser levado avante. Não havia então forças suficientes para aproveitar a situação criada pelo golpe inicial e para manter a continuidade da operação.

Quando, depois da batalha de Flandres, os alemães iniciaram a **campanha para o domínio completo da França**, encontraram aí uma situação inteiramente nova. Do mar até o Reno o "front" se mantinha, aproximadamente, em linha reta, numa extensão de 500 km, virando-se depois, em ângulo reto, para o Sul. Esse último setor, que seguia o curso do Reno, tinha, por sua vez, 200 km de extensão. Diante da ala direita encontrava-se a, assim chamada, "zona de Weygand", enquanto diante da ala esquerda se estendia a Linha Maginot, poderosamente fortificada e considerada inexpugnável pelos franceses. Novamente se tornavam necessários movimentos preparatórios afim de poder ser levada a cabo uma batalha de aniquilamento do adversário. Entretanto, as operações anteriores coroadas de êxito, não passaram a servir de modelo rígido nem foram copiadas sistematicamente. O novo plano de combate tinha de levar em conta a modificação da situação, prevendo-se, por isto, um **ataque em escalões**, que partia da ala direita e visava, em primeiro lugar, romper o "front" norte do exército francês para, em seguida, impelir os restos dos corpos de exércitos desorganizados para o Sudoeste e Sudeste e afinal aniquilá-los. A 5 de junho, o grupo de exércitos B iniciou o ataque desde o Somme até o Mosa. Depois de dois dias de árduas lutas conseguiu forçar o movimento em toda linha de frente, começando o avanço a progredir rapidamente. O grupo de exércitos A, que iniciara, por seu turno, o ataque, a 9 de junho, conseguiu igualmente, em duros combates, vencer o inimigo, avançando em direção a Chalons-sur-Marne. Depois de haver sido rompido todo o "front" francês, do mar à Linha Maginot, numa extensão de 350 km, também o grupo de exércitos C, postado na região do Sarre, entrou em ação iniciando o ataque de frente contra a Linha Maginot. Dois dias depois teve lugar a divisão, em duas partes, do campo de operações, em consequência da avançada de poderosas divisões blindadas e motorizadas, através do planalto de Langrès, em direção à fronteira suíça, seguindo-se a derrota definitiva dos exércitos franceses.

Todas as três operações de grande envergadura, contra a Polônia, contra a Bélgica e a Holanda, e, afinal, contra a França, foram levadas, a efeito depois de cuidadoso preparo, com o maior impeto e com amplo **aproveitamento da arma aérea**. A força aérea polonesa, já depois de dois dias, poudeser considerada destruída e posta fora de combate. Também no ocidente foi conseguido rapidamente o predomínio aéreo. logo depois de começar a ofensiva nesse "front". Afinal foi levado a efeito, dois dias antes do início da campanha da França, um ataque aéreo em grande escala, para a destruição da frota aérea francesa, que alcançou o mais completo êxito.

Inteiramente outros haviam sido os problemas a resolver, quando se tornara preciso isolar a **Noruega** de interferência inglesa e de obter novas bases de operações para o ataque contra a ilha britânica. Esse audacioso empreendimento, também, só foi levado a cabo, depois de cuidadosa preparação e mediante estreita colaboração das forças de terra, mar e ar. Nessa campanha ficou demonstrada a grande vantagem do comando único. Na França, vários oficiais de valor haviam procurado debalde, antes da guerra, introduzir essa medida em seu país. — O extraordinário sucesso da campanha da Noruega ainda aumenta de importância se considerarmos o fato de se tratar da maior operação de desembarque da História Militar, que, ademais, foi realizada por uma potência continental contra a maior potência naval do mundo.

Diferente é o aspecto da guerra contra a **Inglaterra**. Ali a atividade bélica, fazendo-se abstração da guerra no mar, limita-se, por enquanto, à guerra aérea, na qual é possível a ofensiva simultânea de ambas as potências. Foi assim que Douhet imaginou a guerra do futuro, com a diferença apenas de ficarem os dois exércitos de terra separados, não por um "front" imobilizado e passivo, mas pelas águas do Canal da Mancha.

Em todas as operações, com os seus diferentes problemas de aspecto diverso, o comando alemão **demonstrou efi-**

ciência estratégica tão extraordinária, como raramente se tem verificado na História Militar, tanto sob o ponto de vista de riqueza de idéias, lógica, ação enérgica, decisão e audácia.

2. — A MARCHA DAS OPERAÇÕES

Os planos estratégicos e a disposição das forças constituem a **base** do êxito de um exército. Com o início de uma campanha apresenta-se para o Alto Comando, que até então se limitara a atividades preparatórias, o problema da **direção do exército na guerra**. Não se trata sempre da execução rigorosa de um plano de antemão elaborado, a que se oporia a ação do inimigo, que não pode ser prevista. Moltke afirmava, por este motivo, que o plano estratégico não podia ir muito além da disposição preliminar das tropas. Tudo depende, entretanto do inimigo. Se este conseguir atuar de modo a prejudicar a execução dos planos elaborados, terão de ser modificados, a cada passo, as diretrizes traçadas. Caso, porém, o adversário se mantenha passivo ante a iniciativa própria, seja por não lhe ocorrerem as providência a tomar, limitando-se a aguardar os acontecimentos, seja porque o exército não tenha capacidade para transformar em ação as idéias geniais do seu comando, então haverá possibilidade de ser executado rigorosamente o plano organizado. E' entretanto, condição essencial que haja entre : vontade do comando e o preparo técnico de todas as forças armadas, a mais absoluta concordância. A História Militar apresenta-nos inumeros casos em que os planos estratégicos mais gêniais não puderam ser realizados, seja porque o comando não tivesse capacidade de direção ou então porque as tropas não se achassem habilitadas para executar satisfatoriamente as ordens recebidas.

O Alto Comando alemão tem sabido, na presente guerra, **dirigir as operações**, de maneira notavel, havendo, por sua vez, **as forças armadas** demonstrado capacidade para executar o que delas se exigia. Assim, o comando alemão

soube conservar, ininterruptamente, a iniciativa nas ações. Era ele quem determinava, livremente, onde e quando se deviam realizar combates, impondo ao adversário a sua vontade e os seus planos de ação. Resultou daí achar-se o comando alemão em condições de realizar operações cuidadosamente planejadas e preparadas até nos seus menores detalhes, aos quais o inimigo se via obrigado a opôr apenas providências improvisadas em cada caso. Mesmo nas ocasiões, em que o adversário podia logicamente prever as futuras operações alemãs, como no caso da campanha da França, depois da vitória no Artois e em Flandres, o Alto Comando alemão não concedeu ao inimigo tempo suficiente para tomar as necessárias medidas, de modo que este teve de se limitar a uma defesa improvisada.

Desse modo os alemães se achavam em condições de **prever com maior antecedência** a marcha das operações do que tem acontecido, em regra, nas guerras anteriores. O conhecimento perfeito da situação do inimigo e a apreciação segura das condições em que se achavam as forças adversárias, permitiram, mesmo, fixar, de antemão, a duração de diversas operações. A previsão aproximada do tempo que duraria a campanha da Polônia, deu mostras de uma extraordinária confiança no exército. Daí por diante, os órgãos de publicidade passaram a fixar, sob a impressão dos acontecimentos, prazos e datas para as futuras ocorrências, atribuindo-os, depois, ao comando alemão. Sempre que os fatos não correspondiam a essas profecias, dizia-se que os alemães haviam errado o cálculo.

Não obstante a circunstância que acabamos de expôr, que permitia uma previsão extraordinariamente segura dos acontecimentos, apresentavam-se ocasiões que exigiam **novas e rápidas decisões** de parte de um comando que não quisesse limitar-se a cumprir o plano de operações, previamente traçado, disposto, pelo contrário, a aproveitar prontamente qualquer dificuldade imprevista. Lembremos, a propósito, o segundo cerco, de maior amplitude, do exército polonês. Quando parecia que uma parte do grosso desse exército, cer-

cado na curva do Vistula, conseguiria escapar para Léste, foi imediatamente levado a efeito um segundo movimento envolvente mais amplo, que passava a Léste de Varsóvia, mediante o rápido avanço das divisões blindadas, provenientes da Prússia Oriental, em direção Sul e fazendo mudar para o Norte o rumo tomado pelo 14.º exército.

Mas, do mesmo modo, como o comando alemão achava-se sempre pronto para jogar rapidamente na luta, onde o exigiam as circunstâncias, os seus recursos bélicos, possuía, por outro lado, suficiente domínio sobre si, para esperar até que a operação estivesse suficientemente preparada ou que determinada situação tivesse evoluído suficientemente, tornando oportuna a intervenção.

Não se pode ainda distinguir até que ponto as diversas operações, que visavam aproveitar as situações favoráveis que se apresentavam no decorrer das batalhas, tenham sido determinadas pelo Alto Comando ou devam ser atribuídas à iniciativa dos comandantes das diferentes unidades, entretanto, é certo que numerosos êxitos das forças alemãs resultaram da **ação espontânea, adequada e, portanto, independente de fórmulas rígidas, dos comandantes das diversas unidades menores**, que sempre se achavam na vanguarda, podendo assim observar pessoalmente o desenrolar das operações, tomar as necessárias decisões e dar oportunamente as necessárias ordens. Todos os comandantes, desde o das pequenas unidades até os generais, costumavam dar as suas ordens, sempre que possível, da frente para a retaguarda. Além da influência que causava sobre as tropas em luta o exemplo pessoal dos seus comandantes, era exclusivamente este sistema de comando, que permitia às forças alemãs conservar permanentemente a iniciativa nas operações táticas. Um dos segredos dos sucessos militares alemães consistiu precisamente no fato de se encontrarem os seus comandantes sempre nas primeiras linhas de batalha. Não obstante o Alto Comando, a julgar pelo vulto dos êxitos obtidos, conservasse sempre firmes em suas mãos as rédeas do comando, não tinha por hábito exercêr constante tutela sobre os comandantes

dos diversos exércitos e grupos de exércitos. A liberdade de ação/só é, entretanto, admisível quando há certeza de que todos os comandantes das unidades, de todas as categorias, atuem em absoluta concordância. Verificada essa condição, uma ampla concessão nesse sentido estimula a iniciativa individual, contribuindo extraordinariamente para a obtenção dos maiores êxitos. Na presente guerra foram colhidos os frutos da atividade do Coronel-General von Seeckt. Quando esse General, numa época em que a Alemanha possuía apenas um exército reduzido e mal armado, recomendara, insistentemente, a prática de exercícios destinados a habituar ao raciocínio sobre problemas estratégicos, foi mal compreendido, encontrando por vezes forte oposição. Mas a sua convicção inabalável de que tornariam a vir melhores tempos, fizeram-no criar os fundamentos de uma escola, sem a qual seriam impossíveis os atuais métodos de guerra dos alemães. Prova exuberantemente o acerto da teoria de educação mental do General von Seeckt o fato que as operações levadas a efeito pelo exército alemão na Polônia, Noruega, Holanda, Bélgica e França, onde se sucederam as ações de ruptura e de cerco em série continua e em todas as gradações conforme as exigências do momento, constituíram uma única marcha vitoriosa como não conhecia igual, até hoje, a História Militar. O inimigo teve que verificar a trágica realidade que, em consequência dos métodos estratégicos que caracterizam esta guerra, a resistência eficaz em determinados pontos acarretava inevitavelmente o cerco ou a destruição das unidades, que a haviam empreendido. Tais fatos puderam ser observados tanto em pequena escala como nas mais vastas proporções, como por exemplo em Saint-Valéry-en-Caux e na Linha Maginot, onde foi cercado todo o exército francês de Leste. A retirada, em tempo oportuno, dessas forças da área ameaçada teria proporcionado elementos valiosos à defesa da França, mas possivelmente — e talvez por isso não fosse efetuada — o valor dessa medida tivesse sido anulado pelo efeito moral que teria causado o sacrifício da Linha Maginot, sobre a qual, ha muitos anos, haviam repousado todas as esperanças do povo e do exército.

Verificou-se nas diferentes operações do exército alemão a tendência de **concentrar** os recursos bélicos no ponto onde o ataque prometia maior êxito, exitando-se a dispersão das forças. Além disso procurava-se sempre **surpreender** o adversário e levar a cabo a operação com a maior rapidez.

A **concentração de forças** poude ser observada claramente na **ação das unidades blindadas alemãs**. Já antes da guerra preconizava-se na Alemanha o emprego em massa das divisões encouraçadas, mas tão sómente onde essas divisões tivessem probabilidade de êxito. O emprego dessa arma em terreno difficil, onde sofreria grande desgaste, era considerado contraproducente. Seguindo esses ensinamentos, as divisões blindadas alemãs influíram de modo decisivo sobre a marcha das operações na Polônia, sobretudo por sua avançada, muito à frente das tropas em direção a Varsóvia e mais tarde, por ocasião do segundo movimento de cerco, pela investida em direção ao Sul. De grande importância foi a ação dos tanks por ocasião da ofensiva de maio, quando esses engenhos de guerra aniquilaram, ao Sul de Maubeuge, duas divisões inimigas, perseguindo depois o adversário para além dos rios Sambre e Oise. Seguiu-se, depois da ruptura, perto de Sedan, da linha de fortificações francesas, a investida para o Canal da Mancha, em direção a Saint Pol e Montreuil-sur-mer, através de um terreno particularmente favoravel à utilização de tanks. E' de notar que essa arma não foi empregada no inicio do ataque contra o Norte da França, a 5 de junho. Nesse ponto do "front" a defesa havia sido organizada habilmente com o aproveitamento dos cursos dos rios. Se os tanks alemães tivessem sido usados no ataque contra essas linhas, teriam sofrido, sem dúvida, grandes perdas. Assim, foram inicialmente deixados de parte para, depois de haver progredido suficientemente o avanço, serem empregados em massa e com o seu poder de combate intacto, influindo, dest'arte, de modo mais decisivo sobre o desfecho da batalha. Coube ao Coronel-General Guderian dirigir, em rigorosa obediência aos principios preconizados por ele mesmo antes da guerra, à

frente dos seus tanks, o avanço das divisões blindadas, da Prússia Oriental, contra a Polônia, assim como de levar a efeito a investida em direção ao Canal da Mancha e, afinal, de dividir em duas partes o exército francês pela sua avançada vitoriosa através do planalto de Langrés.

Por meio da concentração de forças e de sua aplicação nos pontos de importância decisiva, como se verificou nas operações das unidades blindadas, foi possível **forçar**, sempre de novo a **guerra de movimento** e manter a **continuidade**, indispensável à conquista de uma vitória completa. Os adversários, que não haviam admitido a possibilidade da ruptura dos seus sistemas de defesa, viram-se inesperadamente diante de problemas, que não eram capazes de resolver, dada a orientação de sua formação técnica e em face de todas as suas convicções até o momento. Todas as advertências, como a de Weygand, haviam sido desprezadas. Weygand declarára que considerava dehonrosa a defensiva, desde o momento em que o inimigo tivesse invadido o solo da pátria. Assim, caso não se pretendesse enfrentar uma invasão por meio de um recuo para uma linha de defesa situada na retaguarda, tornava-se preciso que a guerra de movimento fosse preparada de modo a permitir que se tentasse a batalha em campo aberto e de lutar como nos tempos passados, quando a arte da guerra ainda não havia sido desvirtuada por um materialismo exagerado. Como não lhe tivessem dado ouvidos, a situação dos franceses ante os ataques alemães, tornou-se, dentro em pouco, desesperadora.

O efeito dos golpes do exército alemão tornava-se ainda maior pelo fato de serem vibrados, em geral, **de surpresa**. Sempre que era possível, o comando alemão procurava surpreender o adversário, tanto em relação ao local e ao tempo, como quanto aos recursos bélicos empregados. Assim, deve ter sido surpreendente a avançada das divisões blindadas através dos Ardennes, assim como a sua inesperada investida contra a costa do Canal da Mancha. Como a surpresa deve ter sido grande deduz-se do fato de haver o General

Gamelin manifestado a opinião que os alemães se dirigiram a Paris, após a ruptura através das linhas guarnecidas pelo 9.º Exército francês, entre Maubeuge e Carignan, ocorrida a 16 de maio, tendo considerado diretamente ameaçada a capital logo depois dos alemães terem alcançado o canal que liga o Oise ao Aisne. Entretanto tratava-se apenas de uma operação de defesa e de proteção, sendo levado a efeito o avanço, nesse ponto, sómente duas e meia semanas mais tarde. Antes disso realizou-se, com inesperada mudança de rumo, a operação contra a costa do Canal da Mancha. Deve ter surpreendido igualmente, mais tarde, a 16 de junho, a violenta avançada das unidades blindadas e motorizadas, através do planalto de Langres, em direção à fronteira da Suíça, que dividiu inesperadamente o grande campo de batalha em duas áreas completamente separadas uma da outra.

Quando não era possível, em vista das operações precedentes, uma ação de surpresa quanto à escolha do local, procurava-se surpreender quanto á ocasião de sua realização. Assim, depois da terminação da campanha nos Artois e em Flandres, era esperado com absoluta certeza um ataque contra o Norte da França. Apesar disso, o ataque deve ter surpreendido extraordinariamente mesmo aos técnicos militares pelo fato de ter sido realizado apenas um dia depois da queda de Dunquerque, pois considerava-se absolutamente indispensável uma preparação demorada para uma iniciativa de tais proporções. Aconteceu, porém, que, logo depois de ter frente livre no Artois e em Flandres o grosso das divisões alemãs haviam sido iniciados preparativos apressados para, no fim de uma semana, portanto logo depois da aniquiladora batalha na costa do Canal da Mancha, ser realizado novo ataque, dessa vez contra o coração da França. Possivelmente essa decisão tivesse exigido a desistência de uma ação ainda mais destruidora, para que as forças adversárias, em Dunquerque, no intuito de tornar possível uma ação de surpresa, que permitisse o maior êxito nessa nova investida de que resultaria a derota definitiva da França. Como já foi dito, as formações blindadas — com pequenas exceções —

não tiveram imediata aplicação no ataque realizado a 5 de junho contra o Norte da França, visto não ter parecido indicado o seu emprego na fase inicial da operação. Também essa decisão causou estranheza aos franceses, que pensaram poder deduzir daí que os alemães houvessem perdido a maior parte dos seus tanks nos combates anteriores. Tanto maior foi a surpresa, quando, no terceiro dia da luta, foram empregados de novo esses engenhos de guerra, em grandes massas, nesse setor do campo de batalha.

Quanto ao emprego de novas armas, foi alcançada a surpresa do inimigo, já no primeiro dia da ofensiva no Oeste com a intervenção dos "Stukas" na luta em terra, em estreita colaboração com as outras armas, assim como a descida de paraquedistas e de tropas de aterrisagem na "Praça forte Holanda". É verdade que a existência de tais tropas aéreas não constituía segredo. Entretanto, não haviam sido empregadas na Polônia, não obstante pudessem ter alcançado, também, ali, notáveis êxitos. Sem dúvida reservou-se essa arma para que, em ocasiões mais importantes, fosse maior o seu efeito devido à surpresa. O seu emprego na Noruega, em proporções muito reduzidas, deve ter proporcionado ao inimigo a convicção de que, o que sucedeu naquele país, era o máximo que se podia esperar desse novo instrumento de guerra. O ataque audacioso contra Rotterdam, causou tal surpresa, que o inimigo a princípio não quis acreditar que essa "loucura" pudesse ter êxito decisivo.

Sob o ponto de vista puramente material, surpreendeu ainda o emprego, na campanha da França, de tanks mais pesados do que os usados anterior, na Polônia.

A **rapidez**, com que foram levadas a cabo as operações, constituiu outro característico dos métodos de guerra alemães. Por meio de ataques em massa e de surpresa procuravam sempre quebrar a resistência do inimigo no menor tempo possível, enquanto avançavam com a maior rapidez onde não encontravam adversário a combater. Também a perseguição era levada a efeito com aproveitamento de todos os recursos que permitissem um rápido avanço, como acon-

teceu, por exemplo, na perseguição às tropas francesas na França ocidental, em direção ao Loire. Nessas operações as diversas unidades não cuidavam excessivamente de manter alinhamento. As divisões blindadas sabiam que a infantaria procuraria, por todos os meios, segui-las o mais depressa possível. Durante a ofensiva na França, em junho de 1940, o grupo de exército do General von Bock percorreu em 14 dias 250 km, não obstante ter de suportar, durante os primeiros dias, pesadas lutas. A vanguarda do grupo de exércitos do General von Rundstedt chegou a percorrer 280 km em nove dias.

Para que pudessem ser obtidos êxitos completos, por meio de ataques em massa, por ação de surpresa e pela rapidez, tornavam-se necessárias também as iniciativas **audaciosas**. O comando alemão estava em condições de tomá-las, confiado no seu próprio saber, na capacidade do Estado Maior e na eficiência dos comandantes das diversas unidades e das tropas. Esses fatores davam-lhe a certeza de que qualquer situação crítica seria facilmente dominada. Mesmo a possibilidade de um ou outro revés isolado, não impedia, com vistas na vitória final, as operações mais audaciosas. Naturalmente a vitória final nunca foi posta em jogo pela imprudência. Os empreendimentos arriscados eram sempre controlados pela inteligência. Entretanto as grandes concentrações de forças em determinados pontos, que tanto contribuíram para numerosos êxitos, não dispensavam a audácia. Ao ser iniciado, já a 7 de setembro, o segundo movimento envolvente-junto a Bug, surgiram perto de Kutno certas dificuldades parciais, que ameaçavam tornar-se críticas, não conseguindo, entretanto, desviar a atenção do comando alemão da operação principal, confiado no valor das suas tropas. Na campanha da Noruega, seguiu-se à primeira façanha audaciosa do desembarque, uma longa série de pequenos empreendimentos extremamente ousados. Foi igualmente temerário o rompimento das linhas francesas em Sedan, seguido da avançada para a costa, perto de Abbéville, sobretudo porque ainda se combatia

na retaguarda. O início do ataque do grupo de exércitos B contra o "front" do Somme, demonstrou também extraordinária audácia, por ter sido realizado antes de terem sido terminados todos os preparativos, quando ainda se achavam muitas tropas em marcha para o local da ação, o que era grandemente dificultado pelo estado de numerosas pontes, que tinham sido dinamitadas. Afinal ainda se observou grande temeridade na perseguição das tropas francesas na Normandia e na Bretanha, levada a efeito por forças relativamente fracas.

A audácia alemã venceu a prudência francesa. Essa audácia abalou mais a coragem do inimigo do que exigiu sacrifícios de sangue. As operações temerárias muitas vezes paralizaram de tal modo o raciocínio do adversário, que o impediram de empregar eficazmente os seus recursos bélicos. A estratégia moderna introduziu uma **nova medida de tempo**, caracterizando-se pelas operações rápidas e pelas perdas relativamente pequenas.

3. — A EFICIÊNCIA MILITAR DA TROPA

Estabelecidas pelo Alto Comando essas condições básicas para a luta, era preciso que, de conformidade com as mesmas, a **tropa demonstrasse, sob a direção dos seus comandantes imediatos, a sua capacidade** na realização dos planos elaborados. Havia chegado a ocasião de se verificar se a **educação e o preparo militar obedeceram em tempo de paz a princípios certos**. De acordo com uma conhecida proposição da antiga ciência militar, a tropa melhor preparada é a que no campo de batalha tem de abandonar muito pouco do que aprendeu em tempo de paz. Essa regra está, porém, incompleta. E' preciso acrescentar-se que o preparo só é realmente bom se a tropa não tiver necessidade de aprender muito de novo na guerra. De fato, se o tempo de treinamento não tiver sido suficiente ou se certos ensinamentos importantes tiverem sido descurados, a vitória será impro-

vavel, porque, em geral, a guerra não permite recobrar o tempo perdido.

A vitória no campo de batalha é o melhor padrão para apreciar o acerto e o valor do preparo militar. Entretanto, nem tudo pode ser previsto em tempo de paz. O aspecto exato das guerras futuras, que os técnicos militares se esforçam por averiguar, apresenta sempre inúmeros pontos obscuros. Diante de tal incerteza, comete-se frequentemente o erro de querer esclarecer determinados pontos duvidosos. Satisfeitos com um resultado real do imaginário de suas locubrações, muitos técnicos militares passam, depois, a dedicar toda a sua atenção, no treinamento da tropa, a esses pormenores, arriscando-se muitas vezes a fazer deles, insensivelmente, o seu "cavalo de batalha". Desde tempos remotos tem sido regra fundamental da educação e do preparo militar do soldado prussiano e depois do alemão de cuidar, em primeiro lugar, não das cousas que se acham veladas pelas incertezas do futuro, mas das **qualidades, independentes da época, essenciais ao verdadeiro soldado**. O segredo do sucesso militar está em saber despertar e cultivar, antes da guerra, as virtudes militares eternamente iguais. Essas podem ser definidas com precisão, não dando lugar a incertezas. E', assim, possível traçar uma orientação segura para a educação e o preparo militar, que pode ser seguida sem vacilação. Naturalmente, não fica, com isto, concluído o treinamento militar, pois o espírito combativo não é suficiente para enfrentar as armas modernas. O cultivo das virtudes militares é apenas uma condição preliminar, muito embora seja — e isto deve ser acentuado constantemente — **condição indispensavel**, — SINE QUA NON. Os problemas técnicos e táticos tem de merecer também a necessária atenção e constituir objeto de treinamento. Mas, e é este o ponto principal do assunto, as incertezas do futuro perdem, nas condições expostas, o seu valor. Não importa muito quais forem os métodos seguidos, porque não poderá haver absoluta certeza nessas cousas. Imaginemos o seguinte caso: — Enfrentam-se dois ad-

versários, que faziam juízo diferente do futuro desenrolar do combate e que, por este motivo, armaram-se de modo diferentes. Admitamos, porém, que um dos adversários tenha cultivado todas as qualidades do bom soldado, isto é, que o seu preparo tático e técnico se tenha baseado sobre as verdadeiras virtudes militares, enquanto ao outro faltam essas condições básicas. Não pode haver dúvida a quem caberá a vitória. Depois de alcançada esta, a tática do vencedor será considerada como a certa; entretanto, não pode haver, a respeito, certeza absoluta e sim apenas relativa. As qualidades militares fundamentais tornaram certo o preparo restante, isto é esse preparo contribuiu para a vitória no campo de batalha. Assim, desde que a instrução militar tenha sido baseada no desenvolvimento das qualidades essenciais do soldado, a incerteza a respeito dos futuros métodos de guerra perde a sua importância. Nessas condições torna-se possível traçar uma orientação segura para o preparo da tropa, sem muitas indecisões e sem profundas locubrações. Ter-se-á, assim, pelo menos a certeza de uma coisa, isto é, de que esse caminho **póde** conduzir à vitória. Nos países, em que se dá menor valor às virtudes militares do soldado, costuma-se perder muito tempo em discutir detalhes, que dão frequentemente origem a debates apaixonados e intransigentes.

Os alemães não possuíam, por certo, em maior grau, a faculdade de prever os acontecimentos do que qualquer outro povo. O exército alemão tinha as mesmas dúvidas sobre a guerra futura como os demais exércitos. Naturalmente, também na Alemanha, as autoridades responsáveis meditaram profundamente sobre esse assunto, mas essas meditações não se perderam em detalhes, que dificilmente se poderiam conhecer. Os alemães achavam-se em condições de assim proceder, podendo mesmo realizar os seus estudos com finalidade clara, pois o seu exército tinha sobejas razões para convencer-se de que seria capaz de determinar, até certo ponto, o rumo que tomariam as coisas nos futuros campos de batalha. Essas razões provinham da circunstân-

cia de que a faculdade de **determinar o futuro** na guerra depende, antes de tudo, do valor do **soldado** e não de valores materiais. Certas armas e recursos bélicos não podem, por si só, determinar a feição da batalha, nem tão pouco o podem os canhões, os tanks, os aviões, as casamatas ou inteiras linhas de defesa. A esse respeito as potências ocidentais tinham visão pouco clara. Imaginavam que, diante de suas armas e fortificações, a guerra tomaria o rumo por elas desejado. Entretanto, as armas só adquirem valor pelos soldados que as manejam e só por meio destes podem determinar o curso das batalhas. O exército alemão achava-se em condições, devido ao espírito combativo dos seus soldados, de dar às batalhas dos tempos modernos a feição que lhe convinha. Resulta daí, que certos processos estratégicos, que foram desde logo considerados como absolutamente certos, por observadores superficiais, podem revelar-se, após exame mais metódico, como apenas relativamente certos. Isto, porém, em nada diminui o valor desses métodos, pois no campo de batalha vale o que está certo na ocasião, isto é, o que está relativamente certo.

Os ataques alemães foram bem sucedidos em toda parte. O emprego habil das **armas modernas** influiu grandemente nisso, mas em última análise foram sempre as **virtudes militares** do soldado, que produziram o efeito decisivo. O vencido procura sempre atribuir a sua derrota à sua inferioridade material ou então a certos movimentos táticos errados. Esse raciocínio, porém, não está certo. No caso presente a defesa desmoronou precisamente, porque foi considerada, erradamente, como sendo sobretudo uma questão material.

O acerto dos princípios básicos, que orientaram, nos últimos anos, o preparo das forças alemãs, foi confirmado nos campos de batalha. Destaca-se entre os mesmos, a regra estabelecida pelos técnicos militares alemães de que todas as armas devem, também sob o ponto de vista tático, **colaborar** estreitamente uma com as outras, concentrando as suas ações no espaço e no tempo, afim de poderem vibrar

golpes de vigor irresistível. Esse método permitiu romper e destroçar, por meio de fortes cunhas, o **FRONT CONTINU** dos franceses. Mas não foi esse processo tático, que motivou o êxito e sim o fato de haverem essas cunhas permitido ao soldado alemão de “lançar-se impetuosamente no maior tumulto da batalha”, à moda dos antigos guerreiros germânicos. Os ataques eram sempre vibrados em frente estreita mas profunda. A resistência crescente tinha por efeito a intensificação imediata da violência do ataque. Surgiam os “stukas” que transformavam, em dez minutos, aldeias inteiras e pequenas cidades, como Rethel às margens do Aisne e Vitry-le-François sobre o Marne, em montões de ruínas, mais completamente do que em tempos passados o faziam os mais demorados bombardeios. O fogo da artilharia, com as crateras produzidas por suas bombas, favorecia, então, frequentemente, a formação de ninhos de resistência, o que não se dá com as bombas aéreas. À intervenção dos aviões devem os campos de batalha dos tempos modernos o seu aspecto característico. A luta deixava os seus vestígios sobretudo ao longo das vias de comunicação, em volta dos povoados, nas esquinas e praças, onde tinha havido resistência. Largas faixas de terreno, situadas entre as estradas, permaneciam intactas. Não se deve, por isto, pensar que não tenha havido, em parte alguma, resistência forte e prolongada. Nem sempre foi possível o rompimento das linhas adversárias em curto espaço de tempo. Assim, em junho de 1940, foi extraordinariamente difícil e demorada a ruptura das linhas defensivas francesas dispostas ao longo dos rios, bem mais difícil do que o rompimento do “front” no Mosa. Não obstante, também naquela operação foram extremamente condensadas, em relação ao tempo, as diversas fases do ataque, que o método francês dividia prudentemente em **MARCHE D'APPROCHE, PRISE DE CONTACT, ENGAGEMENT ET ATTAQUE** e realizava com extrema lentidão. As ações das forças alemãs sucediam-se, pelo contrário, tão rapidamente que não era mais possível observar a transição entre as diferentes fases, nem distin-

guí-las nitidamente uma da outra. O **avanço profundo no terreno defendido pelo inimigo**, sem receio de perder o contacto de um lado e outro, só podia ser levado a efeito por um comando e por soldados convictos de sua superioridade militar e técnica.

As vantagens táticas obtidas por meio de ataques rápidos e audaciosos e em virtude da colaboração estreita de todas as armas, assim como a **presteza dos avanços**, onde não havia resistência, deram à estratégia alemã um acentuado **caráter dinâmico**. As unidades mecanizadas e motorizadas forçavam ao máximo os seus motores, a infantaria realizava, dia a dia, marchas verdadeiramente notáveis e a artilharia não ficava para atrás, apresentando-se sempre pronta para intervir na luta, onde se fizesse mister. É natural que daí resultasse a necessidade de uma atividade igualmente intensa por parte dos serviços de abastecimento, dos corpos de engenharia e do "Arbeitsdienst", incumbido de restabelecer rapidamente o tráfego ferroviário e rodoviário. Se esses soldados da retaguarda não tivessem mostrado também a mais extraordinária eficiência, os planos do Alto Comando não teriam passado de "castelos no ar".

Não obstante se ter verificado nos campos de batalha, de um modo geral, o acerto do preparo dos soldados alemães, as experiências da guerra aconselharam, todavia, certas alterações e novas disposições. Durante o inverno de 1939/40, o exército alemão, aproveitando essas experiências, submeteu as tropas a um treinamento rigoroso. Foi especialmente exercitada a colaboração das diversas armas, sobretudo em operações contra obras fortificadas. A maior censura que se pode fazer ao Alto Comando das potências ocidentais é a de não terem aproveitado os ensinamentos da campanha da Polônia. Desde que tivessem resolvido não mandar tropas à Polônia, deveriam ter enviado, com a necessária antecedência, oficiais franceses e ingleses a esse país afim de observar a guerra de perto e tirar daí as necessárias conclusões para a orientação dos seus próprios exércitos. Nada disto foi feito. Quando o General Ironside declarou, na

primavera de 1940, aos representantes da imprensa que a idéia, do que teria acontecido se os alemães tivessem atacado no Ocidente durante o outono de 1939, ainda o fazia tremer, referia-se tão sómente à falta de material. Resultou daí que, a 10 de maio de 1940, os exércitos das potências ocidentais enfrentassem o ataque alemão, com os mesmos pontos de vista com que entraram no conflito. Se as operações de guerra na Polônia houvessem, de algum modo, confirmado a doutrina defendida naqueles países, seria compreensível essa atitude. Entretanto, os acontecimentos haviam demonstrado exatamente o contrário. Essa persistência no erro tornou ainda maior a **vantagem** dos alemães, ao iniciarem o ataque. Assistiu-se, então, ao embate entre uma teoria, baseada em fatos ocorridos, há mais de 20 anos, durante a Guerra Mundial e uma orientação realista, cujo acerto acabára de ficar comprovado nos campos de batalha da Polônia. A campanha contra esse país, os combates aéreos e navais contra a Inglaterra e os acontecimentos na Noruega haviam dado às forças armadas alemães a certeza da vitória. Enquanto isso, as potências ocidentais haviam sido, até então, derrotadas em toda parte. Ficou demonstrado, mais uma vez, o quanto importa em uma guerra **vencer no primeiro encontro**. Também essa circunstância, sem levar em conta as numerosas outras razões, teria indicado a conveniência de ser iniciada a guerra com uma ofensiva contra a Polônia, porque ali era mais provável uma rápida vitória do que na frente de Leste. A lembrança do revés sofrido no Marne em 1914 e de suas consequências ainda estava por demais viva na memória dos alemães.

Entre os fatores, que contribuíram para os diversos êxitos alcançados na presente guerra, ocupa lugar de destaque a eficiência individual do **soldado**. Em toda parte, onde em pontos isolados houve resistência eficaz dos exércitos poloneses ou das potências ocidentais, tal fato deve ser atribuído exclusivamente ao valor dos soldados e não ao material. No exército alemão essas qualidades militares eram generalizadas entre comandantes e comandados. Isto ha-

via sido conseguido por meio de longo e persistente treinamento em tempo de paz. Mas também contribuíram grandemente para este fim os tempos difíceis que o povo alemão teve de suportar depois da Guerra Mundial e ainda o refortalecimento geral desse povo oriundo do nacional-socialismo. O soldado alemão da presente guerra não é apenas o mesmo soldado alemão, que em todos os tempos da História, tem mostrado o seu valor nos campos de batalha, é ainda o **soldado da revolução alemã**. Numerosos exemplos da História Militar mostram a influência, que exerce sobre o soldado, o entusiasmo produzido por um idealismo novo. Quanto menos o adversário reconhecer e compreender, por causa de suas próprias convicções, a finalidade de tal orientação e quanto menos conseguir opôr-lhe um idealismo equivalente, tanto maior será o sucesso do exército que seguir para a luta com tão valioso estímulo.

Verificou-se, de parte alemã, a mais **extraordinária disposição para a luta e extremo espírito de sacrifício**. Ao indomável desejo de vencer juntára-se a convicção, confirmada pelos acontecimentos dos últimos anos, de que "os frutos maduros não nos caem nas mãos por acaso", mórmente no campo de batalha. Compreendeu-se ainda quanto representa o **valor individual de cada soldado** e quanto o mesmo pode alcançar. O individuo conseguiu novamente destacar-se da massa impessoal. As grandes perdas de oficiais subalternos são bastante expressivas. Os oficiais de todos os postos expunham-se em ações pessoais, em atividades constantes e em permanente iniciativa individual. Mesmo nos combates de tanks, os chefes militares avançavam à frente de suas forças, como faziam outrora Seydlitz e Blücher. Agindo resolutamente dominavam todos os obstáculos. Nas situações difíceis e desesperadas, os oficiais arriscavam-se pessoalmente, certos de que "vence o mais valente, ainda que tombe na ação". Conta-se do General Dietl, o herói de Narvik, o seguinte episódio (Não importa no caso a exatidão dos detalhes, o essencial é que a narrativa traduz muito bem a atitude dos chefes militares alemães): Tendo-lhe co-

municado um oficial que o inimigo havia iniciado um violento ataque contra as fracas posições dos caçadores alpinistas, Dietl replicou: "Nesse caso vamos recorrer à reserva!" À objeção de que não havia reserva, Dietl deu a seguinte resposta breve e resoluta: "Nós somos a reserva". Em seguida ambos se precipitaram para o mais acêso da luta e as posições foram mantidas.

O valor do soldado e a eficiência do comando foram os dois fatores preponderantes de todos os êxitos do exército alemão na presente guerra. Esse exército foi organizado em um espaço de tempo extraordinariamente curto. Entretanto, já agora, pode-se formular a seu respeito o seguinte conceito, aparentemente despretencioso, mas que exprime o maior elogio que se pode imaginar: — "O EXÉRCITO ALEMÃO DEMONSTROU A SUA EFICIÊNCIA".

Mario de Almeida Franco

NEGOCIANTE DE GADO

Rua São Sebastião, 25 -:- Telefone, 1833

UBERABA — NINAS

PAULO DUENUSSON & Cia. Ltda.

Concessionarios Ford

POSTO ATLANTIC

Distribuidores: G. E.

Rua Coronel Manoel Borges, 36

Uberaba - Minas

Bibliotéca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

Anuario Militar do Brasil, 1935	17\$500
Anuario Militar do Brasil, 1936	22\$500
Anuario Militar do Brasil, 1937	17\$500
Anuario Militar do Brasil, 1938	22\$500
Anuario Militar do Brasil, 1939	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima . .	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal Waldomiro Lima (para oficiais)	21\$000
Anuario Militar do Brasil, 1940	27\$500
Aspétos Geográficos Sul-Americanos - Ten.-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes	16\$000
A. C. P. (blocos para o)	3\$000
A acentuação gráfica — Cap. Antônio Pereira Lira	2\$500
Atestado de Origem e Inquerito Sanitario de Origem — Ten.Cel. Dr. E. Marques Porto	4\$000
As Condições Geograficas e o Problema Militar Brasileiro — Ten.-Cel. Mario Travassos	5\$500
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11\$000
Balística Externa — Cel. A. Morgado da Hora	65\$000
Cadernetas de ordens e partes	11\$000
Cadernetas de ordens e partes (blocos para)	3\$000
Caderneta do Comandante	1\$500
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn	8\$000
Caxias (Eudoro Berlink)	20\$000
Coletanea de Leis e Decrétos de 1544 a 1938 - Maj. Bento Lisboa	13\$000
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Aires e Brasil — Trad. do Gal. Klinger	13\$000
Codigo da Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27\$000
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho	2\$500
Do Brasil á Italia — Gal. Newton Braga	7\$500
Defesa Pessoal — Cap. Waldemar de Lima e Silva	17\$000
Ensaio sôbre Instrução Militar — Cmt. Braillon — Tradução dos Caps. Garcia e Salm	13\$000
Elogio de Caxias	2\$500
Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha	13\$000
Exemplo de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Educação Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos	3\$000
Estudos sobre granadas de mão e de fuzil — Ten. Moacir Nunes de Assunção	11\$000
Educação Física Feminina — Cap. Jair	3\$000
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres	10\$000
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoio	18\$000
Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos . .	16\$000
Formulario do Contador — Cap. José Sales	5\$000
Formulário Processual — Major Niso Montezuma	7\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940 . .	13\$000
História da Guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso	70\$000

O CONTRA-ATAQUE da Inglaterra, das Índias Holandesas, para a Inglaterra é a Linha "Lame Duck" atrás das ilhas, indicam os ataques japoneses contra as Índias — sendo nados. Nessa rota navios avariados têm oportunidade de ataque de bombas incendiárias contra Tóquio, que podem



CADORES

ORMOSA

OCEANO
PACIFICO

1350 MILHAS
ATÉ TÓQUIO



GUAM

FILIPINAS
Manilha

INDONÉSIA

Baía Davao



dos Estados Unidos é mostrado acima. As setas negras
tanto contrapostos pelas setas brancas. Uma vantagem
Sumatra e Java, cujos estreitos podem ser facilmente mi-
voltar às suas bases. O maior receio dos japoneses é um
seimar-se inteiramente.